**REFLETINDO SOBRE NOÇÕES DE PODER NA ESCOLA, A PARTIR DA “PUTA” DO CONTO “MARIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO: O FEMININO ENQUANTO “SUBJETIVIDADE DISSIDENTE”**

 Vanessa Soares Matos – UniRio

Resumo:

O objetivo desta comunicação é refletir a respeito das noções de poder possíveis exercidas sobre a figura da mulher, no conto “Maria” de Conceição Evaristo e aludidas nas rodas de conversa com turmas de 9º ano de uma escola municipal do Rio de Janeiro. A partir da chave de leitura da palavra “puta”, como a protagonista fora identificada, refletir sobre as recepções dos alunos, frente a possíveis preconceitos concernentes ao gênero feminino, à luz das noções de poder de Bourdieu (1989), de Foucault (1979), e da leitura deste por MacLaren (2016), adotando a conversa como metodologia principal (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018) e a roda de conversa (SKLIAR, 2018) como secundária. Como resultados, pode-se citar alunos mais atentos, conscientes e combativos aos estigmas relativos à mulher e com mais consciência das relações de poder existentes nas relações sociais.

Palavras Chaves: poder, gênero, sexualidade, sala de aula

Resumo Expandido:

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho é parte das reflexões de minha tese de doutorado, em andamento, na UnRIO[[1]](#footnote-1), a qual tem, como um dos objetivos, investigar como as(os) alunas(os) de uma escola do 9º ano de uma escola municipal do Rio de Janeiro, situada na Ilha do Governador, constroem o “imaginário social” (VOTRE, 2019, p. 34) da mulher que destoa dos padrões e que, por isso, é rotulada pela alcunha de “puta”, entendida aqui como uma das possíveis “subjetividades dissidentes”, aludidas por Guattari, F. & Rolnik, S. (1996, p. 12).

Como se sabe, os preconceitos em relação à mulher não são construídos apenas na fase adulta, essas noções são sedimentadas desde a infância/adolescência, momento em que podemos não só identificar, bem como questionar, sobretudo, no espaço escolar. Essas noções preconceituosas, uma vez enraizadas, podem ser bases de justificativas de possíveis violências contra a mulher, quiçá feminicídios no futuro.

A fim de construir o mencionado imaginário atual feminino, peço auxílio para a literatura, uma vez que ela “faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso.” (BARTHES, 2013, p. 18). Esse lugar indireto é aquele que toca a realidade, com um distanciamento seguro que se afasta de um possível sentimento de ofensa, porém se aproxima do portal de mundos possíveis, experimentado, pela arte da palavra, o poderoso trunfo de imaginar; ou seja, a literatura torna-se um “fulgor indireto” (BARTHES, 2013, p. 18).

Assim, também longe de reduzir a literatura a uma economia de sentido na qual ela seja vista como uma espécie de meio ou recurso neste caminhar, é possível se aproximar de Barthes (2013, p. 18), quando este diz que: “A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa”. Ou ainda é possível lembrar as palavras de Candido (1998), para quem a literatura tem, em potencial, o poder de formar sujeitos mais sensíveis a dor do outro, tendo, não como um fim, mas como uma consequência, um papel humanizador.

E, nesse exercício de se colocar no lugar do outro, a ideia de que a/o leitora(or) experimente, na carne literária, as dores femininas vivenciadas por uma mulher, negra, proletária, voltando de seu trabalho, subjugada, nas relações de poder estabelecidas em seu um meio social, no qual fora retratada como “puta” no conto “Maria” de Conceição Evaristo.

Num evento conflituoso de roubo dentro de um ônibus, como fora a única poupada e havia indícios de um possível relacionamento amoroso dela com um dos assaltantes, Maria, a personagem principal, fora acusada, julgada, condenada e agredida fisicamente. Para construir o tom discursivo acusatório, os “promotores sociais”, no local, a chamaram de “puta safada” e “negra safada” (EVARISTO, 2016, p. 25)

Assim, ao esbarrar nas relações de poder que subjugam a personagem principal, sigo com Foucault (1979), quem percebe que o poder móvel e inerente às interações humanas. Além disso, recorro ao poder simbólico Bourdieu (1989), para tentar entender as crenças criadas em torno desse símbolo de mulher, concebida como “negra” e “puta safada”, gerados nesse evento comunicativo, pois, segundo Foucault (1979), lido por McLaren (2016), o poder é “relacional”, existindo na perspectiva do “entre”, ou seja, “entre e no meio de pessoas, instituições, discursos, práticas e objetos” (MCLAREN, 2016, p. 57).

Dessa forma, alguns questionamentos discursivos urgem: que imagens simbólicas (Bourdieu, 1989) foram construídas pelos personagens que agrediram Maria e como as(os) estudantes a percebem? Essas imagens intensificaram a vontade de agressão física? As alcunhas recebidas por ela são agressões verbais? Elas justificaram a condenação física de Maria? Quem se sente autorizado a ferir esse corpo rotulado? O enlace amoroso dela com o assaltante fora identificado pelas pessoas dentro do ônibus? Quem detém a voz e o poder impositivo de voz para determiná-la como “puta”? E, sobretudo, o que é ser “puta” nesse contexto? Ser “puta” hoje é o mesmo que há anos, quando uma mulher, por exemplo, se via rotulada apenas por se desquitar do marido?

Esses questionamentos, dentre outros, foram testados com alunas(os) do 9º ano, do Município do Rio de Janeiro, moradores, no entorno da escola, a qual é situada na Ilha do Governador. O objetivo maior era o de elas(es) identificarem as relações de poder exercidas nesse evento.

Logo, a “puta” se torna uma relevante chave de leitura: dos contos, de leitura de mundo por parte das(os) alunas(os) e de leitura das(os) estudantes, pois, por questões levantadas a partir de sua presença incômoda, acredita-se que é possível descortinar visões que persistem preconceituosas em relação à mulher.

**METODOLOGIA / ATUAÇÕES**

Adotando a conversa (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018) como metodologia e a roda de conversa (SKLIAR, 2018), como uma metodologia secundária, a qual ilumina as interações ocorridas, o objetivo dessa abordagem era suscitar discussões sobre as relações de poder ocorridas no conto. Para isso, recorre-se ao potencial da literatura que oferece esse tocar indireto em assuntos os quais incomodam e que faculta o locutor falar muito de si ao falar do outro.

Para lidar com a literatura em sala de aula, recorri a Cosson (2006), quem constrói relevantes princípios para essa a atuação, reunidos no que ele chama de sequência básica. Além disso, como estratégia de leitura, adotei a “pausa protocolada” de Coscarelli (1996), que consiste em uma leitura recortada do texto, suscitando a curiosidade sobre o que virá em seguida e um foco maior às partes do texto.

No que tange às negociações de sentido, em sala de aula, Maria foi construída como um sujeito à margem que aprendeu a se submeter, à olhar para o chão, envergonhada, como faz quando seu ex-marido e, também, assaltante do ônibus pergunta se ela havia tido outros homens e outros filhos.

Se o poder simbólico está justamente nesse movimento “de fazer ver e fazer crer” (BOURDIEU, 1989, p. 14), segundo as(os) alunas(os), Maria aprendeu, por narrativas culturais, a se assujeitar e se rebaixar, pois ela não reage em vários momentos, sobretudo quando se envergonha de ter tido outros parceiros.

Além disso, as(os) estudantes perceberam como o poder é móvel: em um momento ela era a ex-esposa de quem detinha o controle da situação e fora polpada do assalto. Poucos minutos depois, fora acusada, julgada, agredida e morta pelas pessoas que assumiram o poder: as que estavam no ônibus.

Analisando as respostas delas(es), pode-se notar o rótulo de “puta” como uma estratégia de justificativa cultural para rebaixar Maria à vontade de agressão surgida naquele momento, em virtude do assalto. Elas(es) revoltaram-se com as pessoas do ônibus que a chamaram assim. E “puta” emerge como aquela que se envolve com vários homens ao mesmo tempo, o que se afasta de Maria quem teve relações subsequentes ao relacionamento amoroso com o assaltante do ônibus. No entanto, a princípio, as(os) alunas(os) notaram o caráter volátil dessa rotulação que pode variar de contexto histórico para outro.

**CONSIDERAÇÕES PARCIAIS-FINAIS**

Portanto, percebe-se que a “puta” insurge aqui, no mínimo, das seguintes formas: como uma chave de leitura para nortear a condução de rodas de leitura; como um gatilho de engajamento discursivo para descortinar possíveis preconceitos dos alunos em relação às feminilidades.

A crença grupal em torno da noção de “puta” ainda persiste, mas foi problematizada pela abordagem, tanto no âmbito cultural, como histórico. Entretanto, as(os) estudantes já começaram a perceber que os sistemas de crenças existentes hoje podem ser meras construções momentâneas para dar vasão a outras motivações pessoais que estão ocultadas.

Como resultados, pode-se citar alunos mais atentos, conscientes e combativos aos estigmas relativos à mulher e com mais consciência das relações de poder existentes nas relações sociais.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CANDIDO, A. **O direito à literatura.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

COSCARELLI, C. V. **O ensino da leitura:** uma perspectiva psicolinguística. In: Boletim da Associação Brasileira de Linguística. Maceió: Imprensa Universitária, 1996.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulher.** 1. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2014.

\_\_\_\_\_. **Olhos d’água.** Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FOUCAULT, M.  **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica:** cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes. 1996.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul./dez., 1997.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MACLAREN, M. A. **Foucault, feminismos e subjetividade.** São Paulo: Intermeios, 2016.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa:** por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SKLIAR, Carlos. Elogio à conversa (em forma de convite à leitura). In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa:** por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

VOTRE, S. J. **Análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2019.

1. Doutorado na UniRio sob orientação do Prof. Dr. Ivan Amaro, coordenador do Grupo de Estudos NuDes (Núcleo de Estudos Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades) da UERJ/FEBF. [↑](#footnote-ref-1)